

## **A nova América Latina**



Fernando Calderón  
Manuel Castells

# A nova América Latina

Tradução:  
Eliana Aguiar



Copyright © 2019 by Fernando Calderón e Manuel Castells

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

La nueva América Latina

*Capa*

Bloco Gráfico

*Preparação*

Angela Ramalho Vianna

*Revisão*

Ana Maria Barbosa

Thaís Totino Richter

Clara Diamant

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Calderón, Fernando

A nova América Latina / Fernando Calderón, Manuel Castells; tradução Eliana Aguiar. — 1ª ed. — Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

Título original: La nueva América Latina.

ISBN 978-85-378-1917-3

1. América Latina – Civilização 2. América Latina – Condições sociais 3. América 4. América Latina – Religião I. Castells, Manuel. II. Título.

21-57887

CDD-980

---

Índice para catálogo sistemático:

I. América Latina : Civilização 980

Cibele Maria Dias — Bibliotecária — CRB-8/9427

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

[www.companhidasletras.com.br](http://www.companhidasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[www.zahar.com.br](http://www.zahar.com.br)

[facebook.com/editorazahar](https://facebook.com/editorazahar)

[instagram.com/editorazahar](https://instagram.com/editorazahar)

[twitter.com/editorazahar](https://twitter.com/editorazahar)

*Para nossas filhas Coral Calderón e Nuria Castells*



# Sumário

*Prefácio à edição brasileira* 9

*Introdução: A nova América Latina* 17

1. A globalização da América Latina: da crise do neoliberalismo à crise do neodesenvolvimentismo 23

2. Um novo sistema produtivo: extrativismo informacional e mundialização dos mercados 58

3. A economia criminal “glocal” 79

4. Desenvolvimento humano, urbanização e desenvolvimento inumano 104

5. Uma sociedade-rede: individualização, tecnossociabilidade e cultura da diáspora 120

6. O questionamento do patriarcado 145

7. A crise da Igreja católica e a nova religiosidade 158

8. O poder da identidade: multiculturalidade e movimentos sociais 171

9. Comunicação digital e novo espaço público 202

10. Conflitos e movimentos sociais 231

II. A corrupção do Estado 259

12. Na *kamanchaka* 304

*Notas* 317

*Referências bibliográficas* 330

*Agradecimentos* 348



## Prefácio à edição brasileira

NOSSA PERSPECTIVA DE INVESTIGAÇÃO neste livro pretende conectar as transformações globais com as regionais e as nacionais. A questão é como a dinâmica global de poder afeta nossas sociedades e qual o impacto das mudanças nas sociedades latino-americanas em nível global. Por exemplo, quais são as consequências das novas relações econômicas e culturais com a China? Que impacto cultural têm os emigrantes internacionais latino-americanos tanto em seus países de origem, quanto na região, nos Estados Unidos ou na União Europeia, destinos para onde eles se dirigem, majoritariamente? Nossa perspectiva analítica é fundamentalmente empírica e sistemática, ou seja, analisamos as relações entre estruturas e atores sociais e seus sistemas de interesses e conflitos em contextos históricos determinados. Buscamos associar a ideia de uma história de “*longue durée*” com as inflexões históricas que a América Latina experimentou nas três últimas décadas. Nossa ideia foi colocar em relação estruturas, níveis, tempos, conjunturas e acontecimentos distintos, buscando, ademais, integrar sociedade, política, economia, cultura e meio ambiente. Demos maior destaque aos problemas e desafios regionais que às particularidades nacionais que foram, por certo, a base empírica e histórica deste empreendimento.

Hoje em dia, mais que nunca, as transformações estão associadas a uma crise global multidimensional que com certeza teve momentos diversos de inflexão associados 1) à recuperação da democracia, 2) ao neoliberalismo e 3) ao neodesenvolvimentismo. Definitivamente, a ideia de “continuidade histórica” nos permitiu compreender melhor as mudanças atuais. Nossos próprios trabalhos anteriores — como *Es sostenible la globalización en América Latina?*, de Manuel Castells, ou *Sociedade sin atajos*, de Fernando Calderón e Mario R. dos Santos — e vários outros estudos importantes sobre globalização permitiram uma melhor compreensão empírica e sistemática da atual mudança. Nesse contexto, o principal desafio que enfrentamos foi descrever e analisar a emergência de uma nova sociedade latino-americana, ou seja, dar conta das transformações tecnoeconômicas e comunicacionais, como a emergência e a expansão de uma nova sociedade baseada em redes de informação e comunicação. No entanto, essa nova sociedade convive com a sociedade industrial e com os traços patrimonialistas e corporativos históricos, e nela continuam sendo centrais os chamados setores informais, ou marginais, da economia que estão construindo também, sobretudo os jovens, redes de informação e culturas de tecnossociabilidade que se expandem de muitas maneiras e em muitos sentidos.

O argumento que organiza o livro parte da análise das crises e das limitações tanto das orientações “neoliberais” quanto das “neodesenvolvimentistas” e suas consequências no Estado e no sistema político, que cada vez têm menos capacidade de administrar a complexidade das mudanças experimentadas, sobretudo agora, em tempos de pandemia. E conclui com uma análise complexa do colapso do “ator histórico” mais importante na América Latina: o Estado. Por fim, nossa pesquisa

analisa os “claro-escuros” das mudanças experimentadas, com referência a uma crise no plano das subjetividades que denominamos *kamanchaka*, mas também à emergência de novos movimentos socioculturais que marcam, potencialmente, as possibilidades de uma nova historicidade centrada na ética da dignidade, da identidade, da ecologia e do feminismo.

Nossa aspiração fundamental foi, contudo, caracterizar a nova sociedade latino-americana em sua relação com as orientações políticas mencionadas. Aí reside o éthos de nosso estudo. Por um lado, analisamos o que denominamos extrativismo informacional, como a principal forma de interação econômica assimétrica da região com o capitalismo global. Trata-se de uma nova economia e de empresas que trabalham em vários territórios ecológicos com novas formas de produção informacional, comercialização e financiamento. Nesse novo dinamismo, incluímos a economia criminal como uma de suas formas mais dinâmicas e perversas, e certamente um dos principais meios de acumulação capitalista em escala global, sobretudo no plano financeiro, graças ao consumo e aos sistemas de lavagem e branqueamento de dinheiro.

Outro aspecto estrutural analisado é a consolidação de sociedades urbanas: 80% da população latino-americana vive em cidades. Já somos uma das regiões mais urbanas do mundo. No entanto essa urbanização, pluricêntrica e muito diferenciada socialmente, produziu importantes avanços nos indicadores de desenvolvimento humano, mas ao mesmo tempo aumentou também os indicadores de “desenvolvimento desumano”, como a insegurança, o medo, a violência e a deterioração da vida cotidiana.

Por outro lado, estudamos a nova sociedade-rede associada a novas formas de individualização e consumo, e também os

principais vetores da construção informacional e a generalização de uma cultura da tecnossociabilidade, principalmente entre os jovens e os emigrantes. O livro sistematiza a informação sobre a integração ativa dos latino-americanos nos sistemas de informação e comunicação, associada a importantes dinâmicas de diferenciação funcional e social. Nesse campo, as estruturas familiares mudaram e surgiram novos tipos de “famílias horizontais”, mais complexas que as nucleares ou extensivas e que mostram a deterioração do sistema patriarcal. Abordamos igualmente os limites e a crise da institucionalidade e da subjetividade católica e do carisma papal emergente, campo que constitui outra importante mudança nas subjetividades latino-americanas, onde o éthos católico desempenhou um papel central. Estudamos também aquilo que chamamos de nova política digital, em que diversas formas de comunicação e poder interagem e criam um novo espaço público informacional.

No centro de todas essas mutações apareceram novos movimentos socioculturais. Analisamos movimentos indígenas como os maias, andinos e mapuches, e também as formas de resistência e organização de afrodescendentes no Brasil. A análise dos novos movimentos concentra-se nos jovens de México, Chile e Brasil e nos movimentos ecológicos e feministas. Não obstante, também detectamos em vários países a novidade de mobilizações de caráter mais conservador, geralmente vinculadas a setores médios, mas também aos populares.

O livro culmina com a análise da crise da subjetividade que denominamos *kamanchaka*. A *kamanchaka* é uma névoa escura que aparece nas montanhas dos Andes e se estende por todo lado, produzindo medo e depressão. Perguntada sobre como fazer frente a essa névoa, Domitila Chungara — uma mulher

mineira, lutadora infatigável e defensora dos direitos humanos — respondia: “Só com paciência e resistência”.\* A *kamanchaka* é subjetiva, é o mal-estar social associado ao medo e à angústia. O incrível nisso tudo é que, em meio a uma complexa multicrise global, irrompeu a pandemia do coronavírus, complexificando e adensando ainda mais as brumas escuras da *kamanchaka*. Trata-se de um fenômeno fantasmagórico, único, incerto, anômalo, que atua numa lógica do acaso em nível mundial, mas afeta a vida cotidiana de todas as pessoas, suas sociedades e os Estados-nação. Como fato global, precisa ser tratado globalmente; mas até agora só se deu à pandemia um tratamento em nível nacional, com Estados e instituições sociais geralmente muito fracos e erráticos. E assim o medo reinstalou-se no centro da vida cotidiana em escala global. Vivemos novamente como se enfrentássemos o fantasma das ditaduras: com medo do outro, da morte, da exclusão social, do sem sentido. As pessoas e as sociedades necessitam e exigem políticas públicas bem-sucedidas que nenhum Estado pode fornecer.

As respostas são variadas. Como os fracos e colapsados Estados latino-americanos e suas sociedades estão respondendo a esse fantasma pandêmico? Que cenários estão em jogo hoje no plano socioeconômico, do desenvolvimento, da interculturalidade, dos cidadãos e seus direitos humanos, e das possibilidades de uma vida digna? Será um colapso como o do século xvi? Será possível a emergência de um novo modo de desenvolvimento informacional centrado na vida das pessoas? Ou veremos reinstalar-se a lógica puramente econo-

---

\* A socióloga brasileira Moema Viezzer escuta, promove e descreve a vida subjetiva e a luta de Domitila no livro *Se me deixam falar* (Global, 1990).

micista e ultraindividualista do mercado e do Estado, que sabemos que não funcionam por si sós? Surgirá um Estado descentralizado do público? Nascerá uma cultura de solidariedade global? O que vai acontecer com o meio ambiente e com a natureza? Ou tudo será um absurdo catastrófico no qual o poder continuará preocupado apenas em impedir que se suje a cadeira de *A metamorfose* de Kafka? Discépolo tinha razão, afinal, e seu tango “Cambalache” será mais universal que nunca? Ou Germani, que dizia que a modernização tem intrinsecamente uma carga totalitária?

O que se pode pensar a partir da América Latina? As narrativas dos intelectuais dos países desenvolvidos são suficientes para nós ou necessitamos de uma perspectiva global a partir das nossas realidades, nas quais a complexidade e a densidade mesclada das sociedades estão repletas de complexas justaposições socioculturais globais? Na América Latina temos não apenas as sociedades originárias, mas também as de origem africana, europeia, asiática, com complexas estruturas de diferenciação social e funcional, em que desgraçadamente prima a desigualdade. De alguma maneira, o mundo todo está na região. Buenos Aires pode mirar-se na Europa, e a Grande Buenos Aires, no resto da América Latina; o Rio de Janeiro, a Bahia ou Cartagena, na África. Isso sem falar na natureza, tendo a Amazônia, juntamente com a cordilheira dos Andes e uma enorme rede de rios e dois oceanos gigantescos, organizado a vida durante milhares de anos. Claro, a Amazônia é a reserva ecológica da humanidade, mas o que sabemos realmente de sua vida, de suas folhas, de seus rios, de seus mitos transumantes, da coca, da mandioca e dos milhões de seres vivos que a habitam, enquanto os mares contaminam-se e a cordilheira dos Andes, assim como o Sul patagônico, degela?

Em meio a tudo isso, cresce também uma espécie de negacionismo que começa negando o vírus ou a sua periculosidade e transfere-se para a área política. Negações que alimentam a crise de legitimidade do que é estabelecido pela informação séria e pela ciência, e assim as “notícias falsas” começam a constituir, para muita gente e para importantes políticos pretensamente novos, evangelhos da verdade, alimentando ainda mais a *kamanchaka*. O uso de redes de informação e comunicação cresce e multiplica-se, mas os indicadores de retração socioeconômica, a violência doméstica, o incremento do consumo e do tráfico de drogas já são um fato que precisa ser enfrentado. Contudo, e vale a pena sublinhá-lo, não será raro se vários Estados e políticos utilizarem essa *kamanchaka* da pandemia para limitar as liberdades e os direitos humanos, afirmando assim o próprio poder.

Mas, do outro lado da escuridão, emergiram as luzes de mudança: os novos movimentos sociais, analisados no presente livro, que buscam afirmar os valores democráticos e a segurança humana. Seus conflitos e protestos pretendem mudar as crônicas desigualdades socioétnicas, de gênero, dos impactos ecológicos, a corrupção institucional e a lógica do poder global. São movimentos que demandam ética, são movimentos de povos indígenas e afrodescendentes, são movimentos de mulheres, de gênero e ecológicos que buscam novas formas de vida que organizem a política e o desenvolvimento. No final de 2019 e particularmente durante o ano de 2020, apesar dos enormes problemas narrados e de suas consequências, foram geradas novas ações coletivas, defendendo a democracia e condenando a imoralidade política no Chile, Peru, Bolívia, Guatemala, Colômbia e Brasil.

Talvez tenha chegado a hora de os latino-americanos construírem um paradigma ecológico, feminista, antirracista e humanista para todos. Em todo caso, a questão central nessa conjuntura é o manejo do tempo: o “tempo da pandemia”. E nesse caso três variáveis parecem decisivas: a capacidade do Estado de transformar palavras em realidades, sobretudo no plano da saúde; a capacidade tecnológica, comunicacional e científica e sua valorização pragmática em cada sociedade e no Estado; e o comportamento individual e coletivo das sociedades. Em outras palavras, se um Estado tem a capacidade prática de navegar contra o vento e enfrentar os temas da pandemia a partir de uma pedagogia científico-tecnológica e comunicacional, e se as sociedades também integram essa pedagogia em sua vida cotidiana, as chances de obter resultados será maior do que se acontecesse o contrário. Talvez só seja possível encontrar uma esperança, uma força maior, articulando o individual com o coletivo no “local-público” — pois os resultados serão mais efetivos na medida em que toda ação coletiva for resultado de um consenso individual, e na medida em que a ação individual possa ser valorizada no plano coletivo, nos espaços públicos compartilhados. Em suma, será possível combinar de maneira criativa Estado, sociedades e tecnoeconomia? Ou seja, será possível “navegar melhor contra o vento” nos tempos do vírus?

Não sabemos a verdade. O que sabemos é que o futuro se constrói hoje em situações e condições muito adversas.

FERNANDO CALDERÓN

MANUEL CASTELLS

*Dezembro de 2020*



## Introdução

### A nova América Latina\*

A AMÉRICA LATINA E SEUS POVOS viveram uma profunda transformação na aurora do terceiro milênio da era comum.

Inseriram-se plenamente no processo de globalização que domina tanto a economia quanto a cultura mundial, o que não quer dizer que tudo e todos estão integrados nesse movimento, pois se trata, no conjunto do planeta, de um processo ao mesmo tempo incluyente e excluyente, em que ocorrem simultaneamente incorporação seletiva e marginalização estrutural, conforme argumentaram vários autores.<sup>1</sup> No contexto da revolução tecnológica informacional, a articulação tecnológica da América Latina acarretou uma modernização fundamental dos processos de produção e gestão empresarial necessários para competir nos mercados globais de mercadorias, serviços e capital. Um novo modelo de produção, o extrativismo informacional, emergiu como centro de muitas economias latino-americanas, particularmente as de maior dimensão. A moder-

---

\* A análise apresentada neste livro baseia-se em fontes estatísticas e documentais obtidas em vários países durante uma década. Para evitar um texto pesado, reunimos o essencial dessa documentação num site da web que o Fondo de Cultura Económica habilitou para acompanhamento do presente texto: <<https://fondodeculturaeconomica.com/apendices/014607R/>>.

nização tecnológica estendeu-se rapidamente à comunicação e à cultura, globalizando os meios de comunicação e difundindo as redes de internet como vetor de transformação cultural e da vida cotidiana entre as novas gerações. Ao mesmo tempo, e em sintonia com o que ocorreu no resto do mundo, a globalização e a digitalização não produziram uma cultura global e homogênea que relegasse as culturas historicamente produzidas pela diversidade da experiência humana ao depósito do retrógrado, a ser gradualmente descartado. A ideologia da modernização como vetor da dominação cultural fracassou de novo. Na realidade, aconteceu o contrário. Do fundo da alma dos povos, ressurgiu com força uma constelação de identidades, feitas de uma cotidianidade que nunca foi subjugada, de conexão com uma natureza própria, de uma tradição oral preservada, de um modo de ser específico. Humano, claro que sim, mais humano inclusive que os padrões de comportamento explícitos no mercado como forma de vida, e não apenas de economia; porém, com práticas enraizadas no compartilhamento secular, semeado de sofrimentos e esperanças. Assim se afirmaram as culturas dos povos originários, exceto naqueles territórios em que o genocídio os exterminou, como também se consolidaram outras identidades regionais, locais, religiosas, mas não tanto a da religião dominante, católica, cuja crise analisamos neste livro, investigando suas causas e consequências.

Da mesma forma, novas identidades ligadas ao processo de transformação multidimensional colocam em xeque o patriarcado milenar, raiz da dominação institucional. Mulheres sem mais adjetivos, feministas, lésbicas, gays, transexuais, bissexuais afirmaram seu direito de amar e ser amados por quem bem quiserem, sem ligar para os ditames da repressão

sexual. Além dessas identidades pessoais, desenvolveram-se novas formas de relacionar natureza e cultura e o reconhecimento dos animais como seres amigos. E um questionamento sistemático do lado obscuro da cultura institucionalmente imposta.

Mais que isso: num mundo globalizado, a identidade nacional ressurgiu com força como trincheira de resistência da história e dos direitos de quem vive num determinado território, de quem não pode se permitir ser “cidadão do mundo” porque não tem recursos para tanto. Ainda que se sintam ao mesmo tempo solidários com o planeta e com seus congêneres, não perdem com isso a proteção das instituições nacionais de que ainda dispõem.

Entre globalização e identidades, o Estado-nação sofre os embates da história. Em geral, integra-se à globalização para maximizar seu acesso a riqueza e poder, formando redes transnacionais. Ao fazê-lo, incrementa a distância entre o Estado e a nação, entre o imperativo global e a representação local. Brotaram daí, repetidas vezes, um desejo e, no fim das contas, uma política que tentam recuperar o controle da nação a partir das raízes dos povos, diante da fuga de suas elites, que, depois da entrada no clube dos donos do mundo feito de redes de poder e capital, habitam espaços de fluxos cada vez mais abstratos, a partir dos quais procuram manter o controle de seus inquietos súditos.

Nessa conjuntura, os mecanismos de relação entre o Estado e os cidadãos, ou seja, o sistema político, sofreram os embates da nova história. Por um lado, as instituições da democracia liberal, constantemente subvertidas no século xx por golpes militares geralmente apoiados pelos Estados Unidos, acabaram por se tornar a regra geral em toda a América

Latina na última década do século, com a possível exceção de Cuba (não uma democracia liberal, mas gozando de certo apoio popular) e contando com a diversidade de opiniões sobre outros regimes, como Venezuela, Nicarágua, Guatemala e Honduras, formalmente democracias liberais, mas com apoio cidadão decrescente. Em todo caso, na virada do milênio, a América Latina parecia ter chegado a uma certa estabilidade democrática buscada ao longo de séculos de sangue, suor e lágrimas. Contudo, a crise de legitimidade política e a corrupção do Estado na grande maioria dos países destruíram em apenas alguns anos o vínculo de confiança mínima entre governantes e governados, fragmentando a sociedade e colocando em questão tanto as lideranças neopopulistas quanto as enganosas fachadas das democracias eleitorais. O como e o porquê desses processos são o objeto da investigação apresentada neste livro.

Por fim, mais além da economia, da tecnologia e das instituições está a vida das pessoas. Para a imensa maioria da população, a nova América Latina, apesar de uma melhora considerável dos indicadores básicos de desenvolvimento humano em educação, saúde e emprego (majoritariamente informal), está marcada pela deterioração de seu hábitat em metrópoles destrutivas, por uma urbanização especulativa que engloba 80% da população, por um ambiente patogênico, pela destruição da maravilhosa natureza do continente, pela violência e pelo medo como forma de vida, com bandos criminosos brotando em toda parte, matando, destruindo e amedrontando milhões de pessoas, com a frequente passividade ou conivência daqueles que deveriam protegê-las.

Essa é a nova América Latina, luz e sombras, mas uma luz cada vez mais pálida e sombras que envolvem as vivências, diante das quais emergem novas consciências individuais que buscam alternativas coletivas para tornar possível uma outra América Latina.

Vem daí nosso empenho de observar e reconhecer o novo território histórico, pois é somente identificando onde estamos que poderemos saber como estar onde queremos.